

Revista Mídia e Cotidiano  
ISSN: 2178-602X  
Artigo Seção Livre  
Volume 14, Número 3, set./dez. de 2020  
Submetido em: 27/03/2020  
Aprovado em: 14/07/2020

## **Aportes da micro-história italiana para a análise da reportagem *A guerra do começo do mundo*, de Eliane Brum**

*Contributions from Italian microhistory to the analysis of the report *A guerra do começo do mundo*, by Eliane Brum*

*Contribuciones de la microhistoria italiana para el análisis del reportaje *La guerra del comienzo del mundo*, por Eliane Brum*

Francisco Aquinei Timóteo QUEIRÓS<sup>1</sup>

### **Resumo**

O presente estudo tem o objetivo de compreender como são representados os sujeitos comuns na reportagem *A guerra do começo do mundo*, de Eliane Brum. Nesse sentido, o artigo problematiza as personagens subalternas a partir das bases teóricas da micro-história italiana. Recorre-se, aos estudos de Carlo Ginzburg (1989), Carlos Antonio Aguirre Rojas (2012) e Henrique Espada Lima (2006). A partir da leitura de Carlo Ginzburg e dos comentadores, foi possível delinear quatro categorias de análise: 1) redução da escala de observação; 2) descrição etnográfica; 3) paradigma indiciário e 4) narrativa. Para a finalidade do presente estudo, a investigação identifica de que modo o paradigma indiciário é aplicado à prática jornalística de Eliane Brum, tendo-se em vista o entendimento sobre os sujeitos ordinários.

**Palavras-chave:** Micro-história italiana; Eliane Brum; Jornalismo; Sujeito subalterno; Paradigma indiciário.

### **Abstract**

The present study aims to understand how common subjects are represented in the article *A guerra do começo do mundo*, by Eliane Brum. In this sense, the article problematizes the subaltern characters from the theoretical bases of Italian micro-history, therefore are used the studies of Carlo Ginzburg (1989), Carlos Antonio Aguirre Rojas (2012) and Henrique Espada Lima (2006). From the reading of Carlo Ginzburg and the commentators, it was possible to identify four categories of analysis: 1) reduction of the observation scale; 2) ethnographic description; 3) indiciary paradigm and 4) narrative.

<sup>1</sup> Doutor em Ciências da Comunicação (Unisinos). Mestre em Letras: Linguagem e Identidade (Ufac). Professor Adjunto do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Acre (Ufac). Líder do grupo de pesquisa Narrativa, Literatura e Jornalismo (NALIJOR) Editor da Revista Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura (ISSN 2358-212X). E-mail: aquinei@gmail.com. ORCID: 0000-0001-5085-7668.

For the purpose of this study, this investigation wants to understand the indiciary paradigm applied to Eliane Brum's journalistic practice, with a view to understanding the ordinary subjects.

**Keywords:** Italian microhistory; Eliane Brum; Journalism; Subaltern subject; Indiciary paradigm.

### Resumen

El objetivo de este estudio es comprender cómo están representados los sujetos comunes en el reportaje *La guerra del comienzo del mundo*, de Eliane Brum. En este sentido, el artículo problematiza los caracteres subalternos de las bases teóricas de la microhistoria italiana. Se utilizan los estudios de Carlo Ginzburg (1989), Carlos Antonio Aguirre Rojas (2012) y Henrique Espada Lima (2006). De la lectura de Carlo Ginzburg y los comentaristas, fue posible delinear cuatro categorías de análisis: 1) reducción de la escala de observación; 2) descripción etnográfica; 3) paradigma indicativo y 4) narrativa. Con el propósito del presente estudio, la investigación identifica cómo se aplica el paradigma indicativo a la práctica periodística de Eliane Brum, con el fin de comprender los sujetos ordinarios.

**Palabras clave:** microhistoria italiana; Eliane Brum; Periodismo; Sujeto subalterno; Paradigma indicativo.

### Introdução

O movimento traçado pela presente investigação direciona-se para compreender de que forma se estabelece uma aproximação entre o paradigma indiciário e a atividade jornalística de Eliane Brum. Desse modo, os esforços heurísticos apontam para a análise da reportagem *A guerra do começo do mundo*, publicada por Eliane Brum (2008) na coletânea *O olho da rua*. O objetivo é compreender como o contexto da reportagem é problematizado e como os sujeitos observados à margem das narrativas jornalísticas tradicionais configuram óticas caracterizadas pela emergência de uma epistemologia ao revés dos relatos hegemônicos. A análise dialoga com as discussões elaboradas por Carlo Ginzburg e pelos comentadores da metodologia micro-histórica, abrangendo, principalmente, a matriz centrada no paradigma indiciário.

O processo delineado na obra de Eliane Brum (2008) consolida uma mirada marcada pela desnaturalização e problematização dos contextos sociais. Para o entendimento da atividade jornalística, social e histórica, fez-se necessária a adoção de um aparato teórico-metodológico interdisciplinar para a análise das reportagens. Desse

modo, a recorrência aos estudos jornalísticos e históricos possibilita o desvelamento de diferentes realidades, sujeitos e relatos.

As matrizes investigativas apresentadas pela micro-história colaboram para a compreensão da atividade jornalística desempenhada pela repórter gaúcha. O olhar da autora de *O olho da rua* focaliza a tríade processo, produção e análise como instâncias heurísticas da realidade social, isto é, as fontes são pensadas a contrapelo do tom homogeneizador. Sua reportagem propõe uma leitura intensiva e profunda da realidade sociocultural, política e histórica.

Infere-se que o diálogo proporcionado entre jornalismo e micro-história permite acessar e compreender a dinâmica das culturas subalternas – analisando-as não como unidades estanques, mas como códigos, estruturas e desvios do paradigma jornalístico.

No âmbito do *corpus* em análise, busca-se entender como Eliane Brum absorve as assimetrias e desloca sua narrativa de uma perspectiva do poder hegemônico para o ponto de vista dos anônimos, subalternos e excluídos. Infere-se, desse modo, que ao trazer para cena enunciativa os sujeitos subalternos, Brum movimenta a percepção de seu olhar e rompe com o paradigma jornalístico - alicerçado no condicionamento interpretativo da realidade e nas premissas de “verdade”, “objetividade” e “imparcialidade”, demarcada pela figura do repórter.

Sob esse viés, os códigos de produção discursiva e os repertórios cognitivos assimilados pela jornalista, no âmbito de sua prática, direcionam-se para novas inteligibilidades e para outras interpretações do real. Isso redundando em um modo distinto de narrar os acontecimentos sócio-históricos, culturais e também da construção de novas alteridades, realidades e de esquemas cognitivos.

Ercio do Carmo Sena Cardoso (2016), em diálogo com Stuart Hall (2003), assinala que a constituição do popular emerge como um “lugar de resistência e enfrentamentos” (2016, p. 2). Durante boa parte do século XX, a configuração da história a partir do olhar de cima predominou como instância enunciativa do passado. Esse fenômeno também encontrou ressonância no campo jornalístico, ao privilegiar as fontes hegemônicas, ao simplificar a complexidade dos contextos sociais e ao ressaltar uma lógica cientificista centrada nas consequências e, em raros momentos, nas causas.

É truísmo que o campo da história e do jornalismo não são os únicos detentores dos espaços de poder e dominação, esse arsenal simbólico espalha-se por áreas distintas como a medicina, o direito, a economia e a política, só para citar alguns. Cardoso (2016) destaca que essa perspectiva da história sublinhou “o apagamento da vida comum, do anônimo geralmente inscrito na cultura popular” (2016, p. 2). O autor explicita que:

Esse gesto contribuiu com a baixa estima das multidões enfraquecendo a construção de sua autonomia para intervir no presente. Nesta escrita são valorizados confrontos, sucessão de fatos, guerras e conquistas que configuram o mundo de acordo com o pensamento hegemônico presente. A verdade que busca afirmar contribui para naturalizar a vida social, desidratar sua vitalidade, esvaziar a potência de suas resistências e desconhecer seus conflitos (CARDOSO, 2016, p. 2).

Compreende-se que o campo jornalístico é clivado por práticas sociotécnicas, prazos, métodos e discursos. Desse modo, o fazer jornalístico instaura um intrincado processo de interação – atravessado por dinâmicas de disputa que transformam e afetam o tecido social. A prática jornalística é pensada aqui como arena de significação e de inteligibilidade sociocultural, tendo-se a micro-história como processo hermenêutico para a compreensão e discussão da reportagem *A guerra do começo do mundo*.

Marocco e Queirós (2020) aludem ao pensamento de Zorzal (2014) para salientar que há dois pontos de encontro entre o paradigma indiciário e o jornalismo. O primeiro deles estabelece uma correlação com a prática profissional. O segundo direciona-se para o entendimento da pesquisa em comunicação sob a base dos indícios e das pistas. Desse modo, reportagens como *A guerra do começo do mundo*, presentes em *O olho da rua*,

(...) situam-se sob as fímbrias de realidades evanescidas – que, graças ao olhar perscrutador da repórter Eliane Brum (...) não privilegia a identificação com sistemas simbólicos gerais ou universais do *ethos* jornalístico – mas antes, busca entender o que acontece no processo inacabado de um relato e de uma história (MAROCCO; QUEIRÓS, 2020, p. 12-13).

O caminho investigativo adotado por Giovanni Levi e Edoardo Grendi aborda a interação entre os indivíduos e seu contexto, focalizando as análises nas redes micro-históricas. Conforme Carlos Antonio Aguirre Rojas (2012), tal postura catalisa o

aparecimento de novas problemáticas relacionadas à biografia, ao contexto das normas sociais e aos espaços de sublevação. Assim, Grendi e Levi direcionam seus enfoques para a interpelação sobre os mecanismos econômicos, sobre as formas de coesão e sobre os comportamentos das elites, para compreender como “a mudança geral dos padrões de expectativas e de percepções de uma classe ou as formas específicas de inserção dos grupos dentro de uma entidade urbana global, entre outras” (ROJAS, 2012, p. 101).

A linha de análise micro-histórica proposta por Carlo Ginzburg direciona-se para a recuperação da complexidade da cultura dos oprimidos. Rojas (2012) destaca que a atenção de Ginzburg está em revalorizar o ponto de vista das classes subalternas, no manuseio e explicação do paradigma indiciário como método heurístico de leitura da cultura popular, “insistindo na necessária e iniludível inter-relação e inter-dependência entre a cultura de elite e a cultura das classes submetidas e reproblematicando sua complexa e permanente dialética” (ROJAS, 2012, p. 102).

A perspectiva indiciária foi sistematizada por Ginzburg (1989) no artigo *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*, datado de 1979. Com o trabalho, o pesquisador italiano propõe – conforme seus próprios termos – justificar as bases teóricas e gerais de uma maneira de fazer pesquisa.

Como consequência, as reflexões apontadas pelo estudo possibilitam a ampliação das bases epistemológicas em direção a uma genealogia da história – dedicando um olhar atento ao indício e ao conhecimento dos dados marginais.

O método indiciário encontra suas raízes na própria história da humanidade. Para Ginzburg (1989), os traços do paradigma podem ser verificados no ato de caçar desenvolvido pelo homem. Por meio da perseguição, o indivíduo conseguiu reconstituir o tamanho e os movimentos das presas ausentes ao observar as “pegadas na lama, ramos quebrados, bolotas de esterco, tufos de pêlo, plumas emaranhadas, odores estagnados” (GINZBURG, 1989, p. 151). A observação dos pormenores permitiu ao homem o desenvolvimento de capacidades complexas encerradas no registro, interpretação e classificação das pistas. Como corrobora Lima (2006), o “saber venatório” estaria na origem “imemorial de tantos outros saberes que marcaram a história da humanidade – a arte divinatória, a fisiognomonia, mas também o direito e a medicina, e mesmo a narração (e portanto, a partir dela, a literatura)” (LIMA, 2006, p. 335).

O autor de *O queijo e os vermes* ressalta que no final do século XIX desponta no campo das ciências humanas um conjunto de saberes centrados nos resíduos marginais. Para Ginzburg (1989), o exame do paradigma indiciário, “ainda que não teorizado explicitamente, talvez possa ajudar a sair dos incômodos da contraposição entre ‘racionalismo’ e ‘irracionalismo’” (GINZBURG, 1989, p. 143).

O historiador italiano verifica nesse período (século XIX) a emergência de debates e de processos heurísticos indiretos, cujos alicerces se articulam na problematização e interrogação dos contextos culturais por meio da leitura dos indícios, sintomas e sinais.

É possível inferir que a aproximação entre a micro-história e o jornalismo praticado por Eliane Brum sugere a ampliação do debate social sobre as representações que são feitas na mídia sobre a classe trabalhadora, sobre as mulheres, sobre os jovens, sobre os negros e sobre os pobres de forma geral. Dijk (2015) acentua que esses grupos sociais são comumente discriminados, marginalizados, subordinados ou estereotipados, “mas que também participam de várias formas de resistência que podem ser vistas como uma tentativa de obter contrapoder” (DIJK, 2015, p. 81).

Nesse sentido, faz-se necessário discutir como os campos do jornalismo e da micro-história entram em diálogo, de que forma as matrizes teórico-metodológicas da abordagem italiana configuram novas codificações e sentidos no ambiente social, cultural e na urdidura da realidade. Busca-se compreender, desse modo, como a interdição de algumas vozes sociais engendram espaços de alienação cognitiva, isto é, processam dinâmicas de apagamento de representantes das classes subalternas.

### **Paradigma indiciário**

O paradigma indiciário une-se à perspectiva da cultura popular ao assumir um tom prático – propondo a interação do sujeito com sua realidade e com seus contextos. Ginzburg (1989) contrapunha-se ao que se denominava de paradigma galileano. Segundo esse modelo, a ciência está ancorada na fundamentação de leis gerais, engendra modelos físico-matemáticos e é marcada pela causalidade. Esses princípios apagavam do campo da ciência um conjunto de disciplinas “eminentemente qualitativas, que têm por objeto casos, situações e documentos individuais, *enquanto individuais*, e justamente por isso

alcançam resultados que têm uma margem ineliminável de casualidade” (GINZBURG, 1989, p. 156, grifo do autor).

Lino (2017), em consonância com o pensamento de Ginzburg, ressalta que o saber indiciário assenta-se na experiência, afastando-se das amarras da formalização e da codificação. Contudo – pontua Lino (2017) – apesar de o historiador italiano afirmar que o saber provindo dos vestígios reporte “a todas as classes sociais, seus trabalhos destacam a sua utilização pelas camadas mais baixas” (LINO, 2017, p. 54). Fincado sob a experiência, o saber indiciário – conforme Ginzburg (1989) – era mais rico do que “qualquer codificação escrita”:

(...) não eram aprendidas nos livros mas a viva voz, pelos gestos, pelos olhares; fundavam-se sobre sutilezas certamente não-formalizáveis, frequentemente nem sequer traduzíveis em nível verbal; constituíam patrimônio, em parte unitário, em parte diversificado, de homens e mulheres pertencentes a todas as classes sociais. Um sutil parentesco as unia: todas nasciam da experiência, da concretude da experiência. Nessa concretude estava a força desse tipo de saber, e o seu limite – a incapacidade de servir-se do poderoso e terrível instrumento da abstração (GINZBURG, 1989, p. 167).

O conhecimento forjado por meio dos indícios permite a revelação de saberes locais, traz à baila os contornos da intuição e possibilita o entendimento do mundo por meio da concretude prática, em contraposição à abstração. Sob esse ângulo, Lima (2006) afirma que o conhecimento desponta “como um patrimônio cultural que não era privilégio exclusivo da elite” (LIMA, 2006, p. 338).

Ginzburg localiza nas classes subalternas o processo de constituição de uma epistemologia indiciária e de modo semelhante deita sobre o arcabouço teórico-metodológico da micro-história uma perspectiva de inteligibilidade e compreensão dos contextos sócio-histórico-culturais. Desse modo, o autor de *Sinais* desloca a ciência de um paradigma hegemônico, galileano, para uma taxinomia das margens – acedendo à diversidade das experiências e à cultura das classes subalternas. Ao apontar para uma genealogia do saber a partir dos indícios, Ginzburg intentava refletir também sobre as bases constitutivas do campo da história:

Mas o mesmo paradigma indiciário usado para elaborar formas de controle social sempre mais sutis e minuciosas pode se converter num instrumento para dissolver as névoas da ideologia que, cada vez mais, obscurecem uma estrutura social como a do capitalismo maduro. Se as pretensões de conhecimento sistemático mostram-se cada vez mais como veleidades, nem por isso a idéia de totalidade deve ser abandonada. Pelo contrário: a existência de uma profunda conexão que explica os fenômenos superficiais é reforçada no próprio momento em que se afirma que um conhecimento direto de tal conexão não é possível. Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la. Essa idéia, que constitui o ponto essencial do paradigma indiciário ou semiótico, penetrou nos mais variados âmbitos cognoscitivos, modelando profundamente as ciências humanas (GINZBURG, 1989, p. 177).

Ao reivindicar para os sujeitos subalternos a constituição de uma história a partir dos indícios, da individualização e do nome; Ginzburg reflete sobre a constituição oblíqua das classes populares, sobre seu modo de pensar, de agir no tempo-espaço, na tessitura dos interditos de seu mundo social e na resolução de suas problemáticas histórico-culturais.

Nesse exercício heurístico, o que se busca revelar são as constituições indiretas, as interpretações a contrapelo, os mecanismos intensivos e involuntários “e os modos de aplicação do “paradigma indiciário”; necessários para o complexo acesso a essas culturas subalternas e o deciframento de seus códigos e de suas principais estruturas” (ROJAS, 2012, p. 125-126).

### **Jornalismo de “desacontecimentos”**

Esse olhar de minúcias proposto pela micro-história se aproxima do modo como Eliane Brum capta as paisagens socioculturais de suas personagens. Brum (2013) afirma que gosta de circular por diversos mundos, contudo lhe agrada mais as “bordas”. E é a partir dessas margens – “concretas, literais – e as subjetivas” (BRUM, 2013, p. 13) – que a jornalista gaúcha processa suas reportagens em “desacontecimentos”. O neologismo remete a uma metodologia – que não está assentada sobre o pressuposto de novidade ou ineditismo, mas na tessitura de uma vida:

A carne da minha reportagem são os “desacontecimentos”, palavra que dá conta de uma escolha: *escrevo sobre a extraordinária vida comum*,



*sobre o cotidiano dos homens e das mulheres que tecem os dias e também o país, mas nem sempre são contados na história. Sobre aquilo que se repete e, por equívoco ou por miopia, é interpretado como banal. Ao compreender essa narrativa, busco subverter o foco, embaralhando os conceitos de centro e periferia. Sou uma repórter de desacontecimentos (BRUM, 2013, p. 13-14, grifos nosso).*

Maria do Socorro Furtado Veloso e Maria Angela Pavan (2014) apreendem os pressupostos dos “desacontecimentos” como um percurso analítico de desvelamento, sofisticação e complexidade das variáveis narrativas, de observação e de entendimento dos sujeitos subalternos.

Ao se observar os indícios, ficam evidenciadas as assimetrias, as normas e a constituição do universo dos sujeitos comuns. Subleva-se, desse modo, as visões hegemônicas de mundo e abrem-se brechas, caminhos para configuração de outras possíveis realidades sócio-histórico-culturais, tendo-se as fontes não-oficiais – os indivíduos comuns – como agentes catalisadores de camadas mais profundas da cultura popular.

O caráter escrutinador de Brum (2012) fica patente em seu *modus operandi* e reverbera em sua prática jornalística. Em entrevista concedida a Beatriz Marocco (2012), a autora de *A vida que ninguém vê* conta que em 1989 foi destacada para cobrir a inauguração do primeiro McDonald’s de Porto Alegre, na Rua da Praia. As orientações da pauta eram: “vai lá, vê quantos sanduíches foram vendidos, o que as pessoas dizem” (BRUM, 2012, p. 74).

O McDonald’s fica localizado em um lugar histórico da cidade gaúcha, próximo à Praça da Alfândega, povoado por velhinhos. Quando Brum chegou ao local, percebeu que os idosos estavam calados e inclinados para o *fast food*. Brum ressalta que “nunca chega chegando”. Sempre prefere observar, analisar, escandir o ambiente e os sujeitos que dele fazem parte, “porque acho que esses cinco minutos que eu fico num canto olhando para a cena, antes de interferir na cena, é o que faz toda a diferença” (BRUM, 2012, p. 75).

Ao analisar a figura dos velhinhos ponderando a fachada “parecendo para eles um negócio meio alienígena”, Brum desloca o fio condutor de sua pauta e ao invés de

entrar no McDonald's fica conversando com os idosos, recolhendo e anotando suas impressões sobre o novo estabelecimento:

Então a matéria que escrevi era uma matéria que não era *sobre quantos sanduíches foram vendidos, mas era sobre uma mudança econômica e cultural da cidade vista por um público que sempre esteve ali* e, sei lá, como não tinha acontecido nada de importante para o jornal naquele domingo, eles gostaram da matéria e foi publicada pela primeira vez do jeito que escrevi. E deu muita repercussão, as pessoas gostaram. A partir daí, eu começo devagar a ir conquistando o meu espaço, mas num processo longo, árduo, difícil, sempre brigando muito, até, finalmente, conseguir ter autonomia (BRUM, 2012, p. 75, grifo nosso).

O caminho heurístico traçado por Eliane Brum se aproxima dos pressupostos do paradigma indiciário e privilegia, como se observa, a história dos indivíduos e comunidades sob o vértice de narrativas tidas como aparentemente banais, sendo sobredeterminadas por uma “extraordinária vida comum”. A atenção da autora de *O olho da rua* encontra ressonância no postulado de Carlo Ginzburg – cujo interesse está voltado para as culturas subalternas.

A junção do paradigma indiciário, da identidade individual e da valorização da cultura subalterna permite ao repórter e ao micro-historiador adentrar no tecido das realidades sócio-histórico-culturais de difícil acesso e trazer para o plano de discussão a complexidade das interações e das subjetividades, apagando as visões homogêneas e simplificadoras das experiências sociais.

Constata-se que a retomada dos fragmentos, resíduos e indícios propostos por Ginzburg configuram uma perspectiva para se pensar o conhecimento humano, possibilitando ampliar as reflexões sobre os objetos historiográficos e ainda como um elemento de decifração de realidades recônditas, assim, como também, de desvelamento de práticas sociais e culturais – como, por exemplo – das personagens presentes em *A guerra do começo do mundo*.

### **A guerra do começo do mundo**

Na reportagem *A guerra do começo do mundo*, publicada em 29 de outubro de 2001, Eliane Brum focaliza o conflito judicial envolvendo a demarcação da reserva

indígena Raposa-Serra do Sol<sup>2</sup>, no município de Uiramutã, em Roraima. No relato, a autora de *O olho da rua* traz para o plano de discussão não apenas as contendas tecidas entre os arroteiros, os indígenas, os garimpeiros e o exército – mas introduz indícios, catálises, detalhes que permitem a problematização e o aprofundamento da realidade apresentada.

No relato, Brum (2008) investiga o conflito em Roraima com o auxílio do microscópio, isto é, utiliza o paradigma indiciário para a compreensão da experiência humana em sua tangência com a vida cotidiana, anônima e sensível. A autora busca se distanciar do tom homogeneizador comumente atribuído à geopolítica, à cultura e à economia das diferentes Amazônias.

A jornalista realiza um movimento transversal – cujo cerne não está direcionado para o entendimento da “floresta” como *locus* estereotipado, esvaziado ou espaço idílico, mas para a compreensão das dinâmicas sociais e dos conflituosos interesses econômicos e políticos que a atravessam:

Muita gente inteligente, inclusive jornalistas, derrapa na complexidade da Amazônia (...) – não em uma, mas nas muitas que existem. Se há um lugar que é impossível entender de longe, por telefone ou pela internet, é a Amazônia. É preciso ver bem de perto e ter cuidado para não compreender rápido demais. Entrei lá na ponta dos pés e pedindo licença (BRUM, 2008, p. 72).

Ao se aproximar dos rastros cotidianos, Brum se abre para perceber as heterogêneas “Roraimas” e suas distintas histórias. Desse modo, a realidade não é eclipsada pelas práticas regulares do jornalismo hegemônico; pelo contrário, o exercício a contrapelo empregado por Brum assinala a emergência das pequenas histórias e do relato amiudado para a complexificação das forças histórico-sociais.

---

<sup>2</sup> A reserva Raposa-Serra do Sol é alvo de disputa desde a década de 1970. Em 1998, o território foi declarado posse permanente indígena por meio de portaria do **Ministério da Justiça**, resultando em vários processos judiciais contrários a decisão. Em 2005, o então presidente Lula homologou novamente a reserva, mas a disputa jurídica não foi encerrada. Em março de 2009, o Supremo Tribunal Federal (STF) determinou que a reserva deveria ser contínua e que os não indígenas deveriam desocupar imediatamente o local. Desse modo, ficou definido que a população indígena da área - em torno de 20 mil pessoas, na época - teria direito ao usufruto exclusivo das riquezas naturais e das utilidades existentes na reserva, uma área com aproximadamente 1,7 milhão de hectares e perímetro de 1.000 km (ESTADÃO, 2015, on-line).

A prática de Brum oferece uma resposta jornalística balizada pela desnaturalização e problematização dos contextos socioculturais. Tal perspectiva pode ser percebida na crítica da prática que a autora de *A vida que ninguém vê* realiza sobre a reportagem *A guerra do começo do mundo*:

Então escrevi o texto, com delicadeza e cuidado para que cada uma das contradições que faziam de Roraima o que é nem ficasse de fora nem soasse como folclore. Eu não esperava a enorme reação à reportagem. Metade de Roraima adorou, a outra metade detestou. Para esta metade, tudo aquilo que eu descrevi como fascinante era preconceituoso. Essa metade passou a sentir por mim o mesmo que sente pelas ONGs, pelos macuxis que brigam pela terra e por líderes ianomâmis como David Kopenawa. Ódio. Pelo menos eu estava em boa companhia. Mas fiquei seriamente arrasada mesmo assim.

Recebi dezenas de cartas por semanas a fio amaldiçoando todas as gerações da minha família, as que vieram antes de mim e as que ainda virão. De gente humilde ao governador que não quis me receber. Virei charge dos jornais locais, alguns jornalistas de Boa Vista pegaram emprestadas as características menos abonadoras de Belzebu para me descrever. Obviamente nenhum deles me ligou para perguntar coisa alguma. E, por fim, recebi avisos de que se fosse um pouco esperta não voltaria a botar os pés tão cedo por lá.

(...) Era óbvio que seria assim, mas na época eu não conseguia entender tanto ódio. Tive a estúpida pretensão de ser uma unanimidade numa terra onde não existe um único consenso. Se minha reportagem agradasse a todos, não seria Roraima. Teria de rasgar o que escrevi (BRUM, 2008, p. 79-80).

Brum desvia-se das totalidades de desvelamento do mundo perceptível, optando por uma gradação difusa dos matizes sociais – caracterizada por uma análise indiciária das personagens. O olhar de proximidade, respeito e minúcia assumido pela repórter, complementa-se pela noção de entrega, esvaziamento e de preenchimento pela realidade do outro.

Tal movimento pode ser constatado quando Brum traz à baila uma cena cotidiana ocorrida na aldeia Xaruna, no oeste de Roraima. O foco não está assentado nas noções de verdadeiro ou falso; tampouco nos pressupostos de legal ou ilegal. O olhar de Brum permanece desanuviado, tendo por finalidade enxergar os pormenores do contexto da realidade histórico-social:

Num dia comum no oeste de Roraima, um ianomâmi da aldeia Xaruna chamado Chicão espanca a mais bela de suas mulheres na mata. Abandona a adolescente desmaiada, a cabeça aberta como uma flor vermelha. Ao voltar sozinho para o xapono, a casa comunitária, o povo se espanta, se agita. Os índios perseguem a menina pela floresta, perscrutam os sons. Só encontram um rastro de sangue ainda morno. Desolados, concluem que fora devorada por uma das onças que patrulham o território (BRUM, 2008, p. 48-49).

Na página 53 de *A guerra do começo do mundo*, Brum dialoga novamente com o indígena Chicão. No excerto, o ianomâmi constata que sua mulher não foi morta por nenhum animal e, sim, sequestrada. A imagem reportada resulta em um novo movimento no relato – configurado pela disputa e briga pela posse da “fêmea” raptada:

A região que se estende por Surucucu, Parafuri e Aratháú é a mais belicosa do território, assinalada por brigas que ninguém sabe como começaram. Impossível localizar o assassinato original. Ou o primeiro rapto de mulher. Chicão, esse tataravô mítico do imaginário ocidental, duvida do rastro da mulher que espancou. Não sente no sangue o cheiro da morte. Fareja, descobre. Sua índia foi raptada por um makabei. Não vacila. Precisa retomar a fêmea. Assim manda o costume. Começa mais uma batalha entre irmãos (BRUM, 2008, p. 53).

A cena exemplificada pelo ianomâmi Chicão reveste a reportagem de uma premissa compreensiva, isto é, Brum não cumpre uma função fiscalizadora e prescritiva acerca da atitude do indígena. Pelo contrário, a jornalista observa as margens, os detalhes e as minúcias como forma de entender o conflito na reserva Raposa-Serra do Sol, tomando as personagens a partir de suas experiências e das formas de conhecimento em circulação. Esse olhar ao revés é marcado pela inquirição atenta aos indícios e pela complexificação da realidade social. Nesse deslocamento, Brum recorre à apreciação respeitosa da vida, dos gestos e das práticas histórico-culturais do outro:

Antes de chegar em qualquer mundo, a gente pede licença. E a minha forma de pedir licença é fazer um processo de entrega, em que eu me esvazio. Eu só posso ser preenchida por aquela realidade se eu me esvaziar. E esse processo não é fácil, porque tu tem que ir para o mundo do outro, sem os teus preconceitos, sem os teus dogmas e, principalmente, sem as tuas certezas, com a coragem e o respeito de se arriscar a uma realidade que não é tua, e se espantar com essa realidade (BRUM, 2008, p. 14).

A narrativa de *A guerra do começo do mundo* é clivada pela arquitetura de diferentes vozes histórico-sociais – descrevendo, para citar Ginzburg, um movimento de circularidade cultural, isto é, de “investigação” desde as figuras anônimas aos sujeitos hegemônicos. Desse modo, Brum consegue apreender a complexidade dos contextos sociais e dialogar com a heterogeneidade histórica, econômica, cultural e política dos escaninhos da sociedade roraimense.

O desvelamento de diferentes grupos sociais pode ser notado na forma como Brum organiza uma miríade de relatos – optando não por uma hierarquização ou valorização das fontes de informação, mas por acalentar visões, interesses e desejos em oposição.

Desse mosaico de personagens, manifestam-se histórias como a da maranhense Cleonice Conceição, de 36 anos. Conceição chega a Rorainópolis, acompanhada dos filhos Silene e Rosenildo. Para chegar a Roraima, a maranhense vendeu um guarda-roupa e uma mesa. Desloca-se para a nova cidade com “um colchão emprestado, meia dúzia de roupas, as escovas de dentes penduradas na caixa de papel (...). Não tem para onde ir.” (BRUM, 2008, p. 49).

Cleonice faz a sua “diáspora” até Rorainópolis sem o marido. Francisco Gildo dos Santos ficou em Santarém, no Pará, tentando conseguir algum dinheiro como pedreiro para alcançar a mulher e os filhos. Ao todo, Francisco necessitou trabalhar catorze dias – numa fruteira e como pedreiro – para completar a passagem de ônibus que o levaria à presença da esposa, do filho e da filha:

Desembarca na rodoviária de Rorainópolis sem um centavo, a mesma quantia que possuía a mulher. “Cadê a minha Cleonice?”, pergunta à moça do guichê. “Procura na casa de porta vermelha e bate. Corre homem, já é madrugada.” Francisco caminha com a trouxa no ombro, pedindo ajuda à lua para não passar batido pela cor de seu destino. “Quem é?”, pergunta Cleonice, o coração pulando feito cabrito. “É eu”, responde Francisco, a alma escapando pelas falhas dos dentes. Assim começa mais uma saga em Roraima (BRUM, 2008, p. 66).

O olhar perscrutador de Eliane Brum ata-se também à história do produtor de melancia, Maurício Habert Filho, de 54 anos, que está disposto a limpar o nome do pai,

o francês Maurice Habert – “ladão e desertor da Primeira Guerra Mundial” (BRUM, 2008, p. 49).

O pai de Maurício fugiu em uma balsa de prisões da Guiana Francesa, aportando em 1941, no que hoje é o estado de Roraima. Contudo, o interesse de Habert Filho não é construir uma genealogia sobre sua ascendência; mas é impelido por outra forte motivação: lutar pela honra do nome do pai:

(...) Empenha-se em desmentir uma teoria que assegura ser Maurice um cúmplice de Papillon. Pior ainda, quase engasga ao contar, a mesma tese garante que Maurice era homossexual. Tudo uma confusão com outro prisioneiro de mesmo nome, como tem provado em documentos que vão e voltam da França. Esse filho só pensa na honra do pai (BRUM, 2008, p. 51).

Eliane Brum focaliza os detalhes, tendo a finalidade de compreender como os sujeitos sociais forjam a realidade histórica e cultural. Ao se deter sobre a biografia de Maurice Habert, a autora de *O olho da rua* revela os fragmentos e os pormenores que atravessam os referenciais do cotidiano, manifestando os sentidos presentes na formação histórica do estado de Roraima. Sob esse ponto de vista, constata-se que os detalhes subjacentes – ancorados nos personagens subalternos e também nos hegemônicos – deslindam zonas de complexidade que permitem adentrar nas cavidades sociais, culturais e históricas da sociedade roraimense.

Maurice Habert emerge como gênese do que, historicamente, se observa no estado de Roraima – uma terra formada por “aventureiros” e tecida por conflitos. Realidade que não se manifesta nos termos de uma simplificada caracterização, mas de forma complexa e problemática. Ao conjurar diferentes histórias e contrastantes pontos de vista, Brum se afasta do que Criselli Montipó (2012) define como uma “versão fragmentada da realidade social” (MONTIPÓ, 2012, p. 52).

Ao se deter na recuperação indiciária de Maurice Habert, Brum dialoga com diferentes saberes e vivências ligados à experiência cotidiana. Nesse sentido, as minúcias desempenham uma função catalizadora e de desvelamento de contextos, complexidades e problemáticas sociais. Tal percurso pode ser verificado na caracterização da linhagem de Maurice Habert:

Um ladrão de Paris, fugitivo dos calabouços da Guiana Francesa, garimpeiro, marreteiro e produtor de tomates no Brasil funda uma cidade de nome Normandia (...). Por ironia ou por culpa, ninguém sabe dizer, já que Maurice fechou a boca sobre o passado e poucas explicações dava para o presente, batizou-a em homenagem ao fim da Segunda Guerra Mundial quando tinha fugido já da primeira. Fez três filhos numa mestiça, Maurício Filho, Marta Maria e Joel. Maurício e Joel plantam melancias. Maria foi varada a balas pelo marido. Maurice morreu de câncer no pulmão aos 68 anos graças a duas carteiras diárias de Continental. Não viveu o suficiente para saber dos nove netos e oitos bisnetos. Muito menos para constatar que a cidade semeada por ele viraria o berço do forró de Roraima. Pipoquinha de Normandia é a banda mais famosa, tem seu neto, Joel Perley, no teclado. Outros dois, Joeldson e Maicon, arrastam os pés de Roraima no grupo da Lambe Sal (BRUM, 2008, p. 58-59).

A articulação do relato jornalístico ancorado nos indícios e no nome possibilita a configuração de um caudal de experiências, contextos, realidades e sentidos. Ao estabelecer uma conversa com os rastros sociais deixados por diferentes sujeitos, a autora de *A guerra do começo do mundo* procura não reduzir a complexidade das pautas jornalísticas a uma universalidade; pelo contrário, Brum delibera pelo diálogo com outras verdades e racionalidades possíveis.

### Considerações finais

Em correspondência com os pressupostos do paradigma indiciário, pode ser observado que Brum desvela aspectos mais amplos da sociedade de Roraima, tendo como fio condutor a compreensão problemática de histórias miúdas e específicas. O entendimento sobre o litígio envolvendo a reserva Raposa-Serra do Sol está articulado com a racionalização e assimilação da vida dos grupos marginalizados e invisibilizados.

O conflito emerge na reportagem como microcosmo enunciativo. Constata-se que a atenção de Brum não está apartada da problemática que coloca em campos opostos arrozeiros, indígenas e representantes do exército brasileiro – cada um dos personagens apresenta pontos de vista complexos, que não podem ser circunscritos ao mero embate de vozes, aspas e versões. Para entender a contenda, Brum aproxima o microscópio, semelhante ao trabalho desenvolvido por Carlo Ginzburg em *O queijo e os vermes*.



Nesse sentido, pode-se estabelecer uma correlação entre a abordagem micro-histórica e a prática jornalística de Eliane Brum. Análogo a Ginzburg, que parte dos vestígios do cotidiano para “recuperar” as bases histórico-culturais da realidade; Brum estabelece uma proximidade com o indiciário – compondo um relato marcado pelo entendimento das minúcias do contexto social, paralelo ao que ocorre em Roraima com o aparecimento de diferentes histórias, como a de Maurice Habert, do ianomâmi Chicão e de Cleonice Conceição.

Percebe-se que Eliane Brum promove um esquadramento cultural, social, histórico e de aproximação com as fontes. Nesse caminho, elementos como a escuta atenta e o esvaziamento de si permitem o desvelamento de contextos histórico-sócio-culturais e também da dinâmica que atravessa a vida das personagens retratadas na reportagem em estudo.

Observa-se que o paradigma indiciário articula procedimentos metodológicos focalizados no detalhe e em dados aparentemente negligenciáveis. Desse modo, os vestígios permitem um acesso indireto aos saberes sociais e culturais dos sujeitos anônimos – articulando as bases para a complexificação da realidade.

Combinada com a racionalização dos elementos da micro-história, o relato sobre a vida das personagens subalternas é enriquecido por uma narrativa que transita da paisagem cotidiana para projeções mais amplas de compreensão e inteligibilidade da realidade de Roraima. A metodologia indiciária é verificada na reportagem a partir das escolhas empreendidas por Eliane Brum – que prefere angular o relato pela via do particular em detrimento de uma generalidade. Desse modo, as temáticas abordadas direcionam-se para a compreensão dos microcontextos e para a reconstituição do cotidiano das personagens simples e “desimportantes”.

Verifica-se que o diálogo que se estabelece com os distintos sujeitos resulta da compreensão do contexto social como problema. Desse modo, o entendimento que se tem dos garimpeiros, dos indígenas, dos retirantes, do exército e dos arroteiros é montado por meio dos indícios, sinais e sintomas que Eliane Brum assimila das complexas redes de sentido que emergem da reserva Raposa-Serra do Sol e que reverberam no entendimento das diferenças, vulnerabilidades e desigualdades que marcam o contexto do estado de Roraima. A metodologia micro-histórica abre, desse modo, a possibilidade de acesso ao

relato dos sujeitos “obscurecidos” e permite também o aprofundamento da realidade cotidiana.

Além da minuciosa atenção dedicada aos indícios e à escuta, percebe-se que Brum procura apanhar os vazios sociais e as vozes interditas – tendo por finalidade construir um “mapa” complexo das experiências e dos relatos de distintos personagens da sociedade de Roraima.

A reportagem não se articula em torno de um único ponto de vista e tampouco se limita ao preenchimento de fortuitas aspas. O principal objetivo é compreender como os diferentes atores se movimentam, se embatem, se aproximam e se repelem. Não há um fechamento para a história. A autora de *O olho da rua* prefere enfatizar as contradições, os interesses subjacentes e as problemáticas.

Afirma-se, que o jornalismo praticado por Eliane Brum pode ampliar as competências narrativas, os referenciais de realidade e os processos de sentido por meio da adoção do paradigma indiciário. Os pressupostos discutidos por Levi e Ginzburg possibilitam refletir sobre os interditos da prática jornalística – na medida em que a lógica da classe dominante é confrontada com a existência de saberes subjacentes. Os indícios são observados aqui como elementos problematizadores dos contextos sociais. Ao se afastar dos domínios da escala dominante, o jornalismo pode empreender um caminho frente a outras lógicas, assinalando uma perspectiva cotidiana que se contraponha aos parâmetros da realidade hegemônica.

## Referências

BRUM, Eliane. **A menina quebrada e outras colunas de Eliane Brum**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013.

\_\_\_\_\_. Eu sou uma escutadeira. In: MAROCCO, Beatriz. **O jornalista e a prática** – entrevistas. São Leopoldo: Unisinos, 2012.

\_\_\_\_\_. **O olho da rua**: uma repórter em busca da literatura da vida real. São Paulo: Globo, 2008.

CARDOSO, Ercio do Carmo Sena. **Disposições sobre anônimos**. In: XXV ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, Universidade Federal de Goiás, 07 a 10 de junho de 2016. Disponível em: [http://www.compos.org.br/biblioteca/pdfformatsite\\_3331.pdf](http://www.compos.org.br/biblioteca/pdfformatsite_3331.pdf). Acesso em: 9 maio 2020.

DIJK, Teun A. Van. **Discurso e poder**. Organização Judith Hoffnagel, Karina Falcone. São Paulo: Contexto, 2015.

EDITORIAL. Efeitos da demarcação da reserva Raposa-Serra do Sol. **Estado**, São Paulo, 17 fev. 2015. Disponível em: <https://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,efeitos-da-demarcacao-imp-,1635514>. Acesso em: 5 jul. 2019.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

LIMA, Henrique Espada. **A micro-história: escalas, indícios e singularidades**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LINO, Raphael Cesar. **Apropriações da micro-história na historiografia brasileira nas décadas de 1980 e 1990**. 148f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista, Assis, 2017.

MANUAL DE REDAÇÃO OFICIAL DA FUNAI. Organizado pela Comissão Especial de Elaboração do Manual – Portaria nº. 540/2015/ Pres-Funai – Brasília: Funai, 2016.

MAROCCO, Beatriz. **O jornalista e a prática – entrevistas**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2012.

MAROCCO, Beatriz; QUEIRÓS, Francisco Aquinei Timóteo. Por uma outra narrativa: jornalismo e micro-história em A mulher que alimentava. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 27, p. 1-18, jan.-dez., 2020. ISSN 1980-3729. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/34271>. Acesso em: 31 maio 2020.

MONTIPÓ, Criselli. **Narrativa jornalística e diversidade sociocultural: a tessitura das reportagens da revista Brasileiros**. 189f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. **Micro-história: modo de uso**. Tradução Jurandir Malerba. Londrina: Eduel, 2012.

VELOSO, Maria do Socorro Furtado; PAVAN, Maria Angela. Jornalismo como tessitura do cotidiano na obra de Eliane Brum. In: FREIRE FILHO, João; COELHO, Maria das Graças Pinto (Orgs.). **Jornalismo, cultura e sociedade: visões do Brasil contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

ZORZAL, Gabriela. Paradigma indiciário e o campo do jornalismo: possíveis aproximações. **Revista Sinais**, n. 15, jun. 2014. ISSN 1981-3988. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/?journal=sinais&page=article&op=view&path%5B%5D=8598>. Acesso em: 10 jun. 2020.